

Para citar esse documento:

GHIZELLINI, Maria Eugenia; BITTAR, Adriano. Produção de conhecimento em medicina e ciência da dança no Brasil: um breve panorama dos estudos em saúde. *Anais do V Encontro Científico Nacional de Pesquisadores em Dança*. Natal: ANDA, 2017. p. 621-631.



www.portalanda.org.br

PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM MEDICINA E CIÊNCIA DA DANÇA NO BRASIL: UM BREVE PANORAMA DOS ESTUDOS EM SAÚDE

Maria Eugenia Ghizellini, Adriano Bittar (UEG)²

RESUMO: O presente artigo apresenta o panorama do campo de conhecimento em medicina e ciência da dança no Brasil e discute como os conhecimentos produzidos nesta área podem auxiliar na compreensão da saúde do bailarino e na construção de uma consciência coletiva para cuidados de saúde na dança. Além disso, pontua como as diferentes áreas da saúde, tem se preocupado em avançar na investigação científica, apesar das dificuldades de diálogo com a área artística. Um breve histórico da área é apresentado e é sugerido como estes conhecimentos podem e devem ser apropriados pelos professores, alunos e profissionais da dança em sua prática diária.

PALAVRAS-CHAVE: DANÇA. SAÚDE. CIÊNCIA.

ABSTRACT: This article presents the panorama of dance medicine and science in Brazil and discusses how the knowledge produced in this area can help in understanding the health of the dancer and in the construction of a collective conscience for health care in dance. In addition, it points out as the different areas of health, has been concerned to advance scientific research, despite the difficulties of dialogue with the artistic area. A brief history of the area is presented and it is suggested how this knowledge can and should be appropriated by teachers, students and dance professionals in their daily practice

KEY WORDS: DANCE. HEALTH. SCIENCE

A dança é um campo em grande desenvolvimento no Brasil e revela-se enquanto objeto artístico em diversos espaços, desde manifestações culturais populares – que são inúmeras em nossa cultura, até espetáculos profissionais de grandes companhias.

No âmbito profissional, um grande número de companhias de dança reside no Brasil, algumas delas inclusive financiadas pelos governos estaduais, municipais ou por leis de incentivo à cultura. As atividades de dança estão, em sua maioria, ligadas aos campos da educação, cultura e arte. Além disso, muitas são as escolas e academias de dança que oferecem cursos informais de diversas modalidades e, na verdade, são estes espaços que formam a maioria dos profissionais de dança cênica no Brasil. Existem também na dança cênica brasileira as escolas dos corpos de baile de teatros municipais mantidas pelo poder público e ainda alguns poucos centros de formação de nível técnico.

Ferreira (2010) observa que em um país onde se tem a dança como uma das mais importantes manifestações culturais, apenas dezoito cursos técnicos existem e estão inscritos no Cadastro Nacional de Cursos de Educação Profissional Técnica de Nível Médio (CNCT). Isso nos leva a indagar sobre a conduta comum em nosso país, de manter-se a formação do bailarino na informalidade.

Nas universidades brasileiras, hoje, existem trinta e quatro cursos de graduação em dança, na modalidade Bacharelado ou Licenciatura. Navas (2010, p. 73) esclarece a função dos cursos superiores de Dança no Brasil:

No ensino formal, especificamente no ensino superior, [...] os cursos de graduação são norteados por diretrizes curriculares que apontam para os saberes necessários à formação de um artista da dança na atualidade. Segundo tais documentos, podemos afirmar que esse

contexto de estudos tem como função ampliar e sistematizar a formação do artista da dança, oferecendo embasamento teórico científico, além da prática artística. A ideia de ampliar e sistematizar pressupõe que aquele aluno que chega à Universidade já tenha percorrido algum processo de iniciação artística prévio. À Universidade, cabe ainda a articulação do ensino, a produção da pesquisa e a extensão a qual implica estabelecer um diálogo com a sociedade, ou seja, a circulação do conhecimento ali produzido.

Colaborando com o que Navas (2010, supracitado) propõe, acreditamos que vários cursos superiores no Brasil acabaram por focar mais na preparação do profissional em dança que se dedicasse ao ensino na escola, outra vertente de extrema importância. Esse é o caso dos dois cursos superiores de dança existentes na cidade de Goiânia, por exemplo, da Universidade e do Instituto Federais. Como citado, também em Goiás os artistas surgem mais dos rigorosos estúdios de dança, pioneiros neste ramo, e dos cursos técnicos de formação de bailarinos e de professores de dança dessa região, especializados e com ótimo ensino.

O aluno de dança que desejar, no entanto, continuar sua formação como pesquisador, atualmente, no Brasil, conta apenas com um curso de pós-graduação *stricto sensu* em Dança, do Programa de Pós-graduação em Dança da Universidade Federal da Bahia. Mas a maior parte dos pesquisadores acadêmicos acabam por entrar em programas de áreas afins, como de Artes Cênicas, Artes, Educação Física, Fisioterapia, Educação e etc. Dessa forma, o aspirante pesquisador pode adentrar áreas afins que possuam possibilidade de pesquisar a dança. Mesmo assim, sabe-se que nenhuma graduação ou pós-graduação possui linha de pesquisa

específica relacionada à Medicina e Ciência da Dança com vistas a cuidar do viés de saúde na dança (BITTAR; FIGUEIREDO; FERREIRA, 2016).

Entretanto, este campo de Medicina e Ciência da Dança vem desenvolvendo-se pelo esforço de profissionais de diversas áreas que, por afinidade com a dança, acabam por direcionar seus estudos a este campo, mesmo que muitas vezes sejam estudos esporádicos, que não constituam uma linha de pesquisa específica. No Brasil, pode ser dito que existem duas Instituições de Ensino Superior que continuamente produzem saberes acadêmicos sobre essa área: a Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e a Universidade de São Paulo (USP). Outros pesquisadores da Estadual e das Federais de Goiás têm aparecido com propostas interessantes de sistematização de uma Rede de pesquisa, criação de serviços e ações relacionadas a esta área.

Todos eles têm como referência a Internacional Association for Dance Medicine and Science (IADMS), que tem âmbito global e 27 anos de existência. Esta associação reúne pesquisadores de todo o mundo que se debruçam sobre pesquisas em dança. A mesma associação publica o Journal of Dance Medicine and Science, que também ocupa um lugar de grande importância, já que é um espaço relevante para que os pesquisadores possam expor seus trabalhos e aproximar-se das produções dos seus pares.

As publicações na área de Medicina e Ciência da Dança são direcionadas a diversas áreas de conhecimento, que se empenham em desvendar relevantes aspectos da prática do bailarino e os efeitos da dança em diferentes populações. Estes aspectos tangem à grandes áreas relacionadas diretamente a esta área artística, como da saúde, bem-estar, performance, treinamento e educação. Dentre estas, destacamos a epidemiologia, fisiologia do exercício, psicologia, processos de criação, nutrição e biomecânica.

Levantamentos epidemiológicos são feitos para identificar a distribuição e evolução de lesões, assim como Ekegren *et al.* (2014), que encontrou entre uma população de estudantes de balé clássico, um risco de 76% de lesão que, comparado a outros adolescentes praticantes de esportes, é consideravelmente maior. Na área da fisiologia do exercício, o empenho é na direção de compreender o funcionamento do corpo em atividade de dança. Beck *et al.* (2015) discute que a atividade de dança, praticada sozinha, é insuficiente para melhorar a capacidade cardiorrespiratória nos bailarinos, o que justifica os níveis de preparação aeróbica baixos, comumente encontrados entre bailarinos nas pesquisas. A psicologia e a nutrição tentam esclarecer fatores comportamentais e da alimentação dos dançarinos. Já a biomecânica, busca investigar a interação do corpo em movimento com o ambiente, e discutir as causas cinéticas desses movimentos, estratégias de controle motor para otimizar os padrões de movimento e da aprendizagem dos mesmos, bem como as possíveis sobrecargas para os corpos de dançarinos. Todas estas áreas, juntas, se esforçam em direção à melhora das condições de saúde e performance do dançarino (IADMS, 2017). Sobre a performance enquanto ato criativo sob o ponto de vista biopsicossocial, um artigo britânico pesquisou em bailarinos contemporâneos como o estudo de imagens poderia torná-los mais criativos e prontos para coreografar (CLEMENTS, 2016). Mas os estudos desse campo não se limitam a estes temas. Strazzacappa (2016) vem fazendo um trabalho digno de nota, uma vez que nos mostrou o reverso da medalha, ao ensinar médicos a comportarem-se de modo mais intuitivo e empático com seus pacientes, através do ensino da dança e da expressão corporal nas escolas de Medicina.

Sobre a dança cênica, Angioi *et al.* (2009) diz que ela é comparável ao Esporte, no momento em que depende de elementos relacionados à técnica, nutrição, medicina, economia, ambiente e fisiologia e, além disso, afirma que, assim como os atletas, os dançarinos profissionais devem estar preparados fisicamente para realizar a sua especificidade estética e técnica de movimento. No entanto, vemos que entre os cuidados lançados aos atletas das

mais diversas modalidades de esporte, e aos bailarinos, ainda existe uma grande lacuna. Wyon (2007) concorda com Angioi, ao referir-se aos bailarinos como atletas não usuais e estéticos, que têm diferentes demandas físicas determinadas pelos coreógrafos de cada espetáculo a ser dançado, com especificidades tão variadas a ponto de fazer com que eles continuem a priorizar o aprendizado e domínio técnicos, sem dar vazão à preparação global do corpo.

O incipiente panorama da Medicina e Ciência da Dança no Brasil pode ser entendido como um reflexo da negligência com cuidados de saúde que a dança, nos seus diversos ambientes (WYON e BITTAR, 2016). Os profissionais que trabalham com dança, muitas das vezes consideram apenas seu aspecto artístico, e vêm-se despreparados para lidar com elementos relacionados à saúde em sua prática. Isto tem como resultado direto um alto índice de lesões e conseqüente diminuição no tempo de atuação do dançarino em sua profissão, bem como o uso de técnicas de treinamento e intervenção terapêutica baseadas em experiência e não em evidências científicas. Na escola, os profissionais de dança perdem a oportunidade de educar uma criança sobre como comportar-se posturalmente, para evitar o desenvolvimento de uma escoliose, justamente pela mesma razão.

As pesquisas da área da saúde direcionadas à dança, cada vez mais a colocam dentro dos mesmos parâmetros de estudos voltados para o Esporte. O objetivo não é distanciar a dança da sua primeira finalidade, que é a de expressão artística, e nem, tão somente, a preocupação com uma performance sofisticada. Essas pesquisas enxergam a urgência de voltar o olhar para as condições de saúde do bailarino e da população geral que dança ou que pode usar a dança para se recuperar de injúrias. Neste sentido, alguns estudos propõem modos de se treinar e preparar o corpo para a arte da dança, formas de recuperar, pela dança, quem sofre de derrames cerebrais, outros têm se preocupado com a performance e as lesões causadas pela prática, mas todos eles avançam no sentido de buscar ferramentas que possam complementar a atividade usual do bailarino ou de quem dança, encontrando modos de

potencializar este corpo para uma prática mais saudável na dança, permitindo que este possa realizar suas atividades profissionais e pessoais de uma maneira segura e eficiente (ANGIOI *et al.*, 2009).

É importante destacar que a discussão sobre o corpo nos estilos de dança contemporânea e no ballet é recorrente nos espaços de pesquisa em Arte, e avança continuamente. Enquanto isso, as análises biológicas, fisiológicas, ou biomecânicas do movimento ainda caminham a passos lentos. Sem falar das possibilidades de uso da dança para a prevenção de lesões e cuidado de enfermos, e o potencial dos processos criativos em dança, que estão sendo usados para recuperar doentes neurológicos. Mas na dança cênica isso ainda é mais evidente, pois pouco se discute a situação da saúde deste corpo que é submetido a um exaustivo trabalho, claramente compatível com o treinamento de um atleta (WYON, 2007). Logo, como pode a dança, que tem o corpo como sua arte e que, portanto, se expressa através do aparelho locomotor, negligenciar as necessidades de preparo físico frente à demanda?

Fica cada vez mais clara a necessidade de construir-se uma ponte entre o conhecimento biológico e o conhecimento artístico da dança. O diálogo entre as duas esferas é indispensável para o avanço desta arte, já que pode existir uma colaboração e uma troca complementar de informações úteis e indispensáveis para a dança. Claro que não estamos falando da inexistência desse diálogo, que já é encontrado e oferecido no curso de Dança da UFRGS, por exemplo, mas da invisibilidade, e, por isso, inexistência de uma política voltada para a prevenção dos danos à saúde provocados pela mau uso desta arte!

Com isto, reinventa-se o modo de se pensar a prática da dança, recuperando o nível de profissionalização que a dança vem alcançando e que almeja para o futuro, estabelecido entre companhias, escolas, universidades e os demais centros de formação, e o conhecimento em

saúde, um elo de ligação multidisciplinar imprescindível (BITTAR; FIGUEIREDO; FERREIRA, 2016). Dar ferramentas aos que trabalham com a dança – sejam profissionais da dança ou da saúde – nos seus diversos ambientes é permiti-los pensar, cuidar, melhorar e proteger o corpo que dança, tornando assim, a prática da dança, uma prática mais responsável.

Diante desse contexto de carência de pesquisas com este foco interdisciplinar entre áreas correlatas com a dança, a presente proposta objetiva avançar na produção de conhecimento em Medicina e Ciência da Dança, traçando um painel dos principais grupos de pesquisa no Brasil e propondo para este encontro a criação de um comitê específico para discussão do tema dentro da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança (ANDA), o qual poderia incluir inúmeras iniciativas e políticas de saúde na e para a dança.

Criação da Rede BR-UK em Medicina e Ciência da Dança

A Rede Brasil-Reino Unido em Medicina e Ciência da Dança foi criada em 2016 a partir da iniciativa do Prof. Dr. Adriano Bittar, docente da Universidade Estadual de Goiás, e do Prof. Dr. Matthew Wyon, da Universidade de Wolverhampton, um dos líderes mundiais na área da Medicina e Ciência da Dança. Eles propuseram um workshop acontecido em Goiânia, no fim de agosto de 2016, para que aproximadamente 50 pesquisadores dessas duas regiões do globo pudessem encontrar-se para discutir suas pesquisas e fazer planos para que uma colaboração de 15 anos pudesse ser iniciada nesta área. O workshop foi co-financiado pelo British Council e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG). O objetivo maior desta Rede¹ é criar serviços e produzir pesquisas na área em questão, para que a mesma possa começar a ter uma visibilidade diferente, deixando de ser negligenciada, para poder servir principalmente à população socialmente em risco na dança.

¹ Maiores detalhes sobre a Rede BR-UK em Medicina e Ciência da Dança em <www.brukdms.blogspot.com.br>.

Desde o segundo semestre de 2016 diversas colaborações interessantes começaram a ocorrer entre instituições e pesquisadores de diferentes escolas, como da Universidade de São Paulo, Universidades Estaduais de Campinas e de Goiás, Universidades Federais de Goiás e Rio Grande do Sul, Institutos Federais de Goiás e Brasília, UNIVERSO, University of Wolverhampton e de Birmingham, National Institute for Dance Medicine & Science (NIDMS), Trinity Laban, One Dance UK, Royal Birmingham Ballet e Royal National Orthopaedics Hospital.

A Rede publicou um material rico trazendo um resumo expandido dos trabalhos apresentados no workshop² de 2016. A cada 2 anos a Rede propôs-se a fazer encontros presenciais para receber novos pesquisadores e continuar a expandir-se.

REFERÊNCIAS

ANGIOI, M.; METSIOS, G.S.; KOUTEDAKIS, Y.; WYON, M. Fitness in Contemporary Dance: A Systematic Review. **International Journal of Sports Medicine**. V. 30, n.7 (2009), pp. 475-84.

BECK, Sara; REDDING, Emma; WYON, Matthew. Methodological considerations for documenting the energy demand of dance activity: a review. **Frontiers in Psychology** – V. 6 (2015).

BITTAR, Adriano; FIGUEIREDO, Valéria; FERREIRA, Alexandre. A Criação da Rede Brasil-Reino Unido em Medicina e Ciência da Dança como um Lugar Potencial de Relações Profissionais e Pesquisas. **Movimenta**, v. 9, n. 4 (2016), pp. 522-528.

² Para acesso aos resumos expandidos do workshop da Rede BR-UK em Medicina e Ciência da Dança, acessar: <<http://www.revista.ueg.br/index.php/movimenta/issue/view/276/showToc>>.

CLEMENTS, Lucy. Investigando a Criatividade, a Originalidade e a Imaginação na Ciência da Dança. **Movimenta**, v. 9, n. 4 (2016), pp. 614-619.

EKEGREN, Christina L.; QUESTEDB, Rachele; BRODRICK, Anna. “Injuries in pre-professional ballet dancers: Incidence, characteristics and consequences.” **Journal of Science and Medicine in Sport**. V.17 (2014), pp. 271–275

FERREIRA, Ângela. Curso Profissional de Nível Técnico em Dança – o que eles formam? In: Algumas perguntas sobre dança e educação. TOMAZZONI, Airton; WOSNIAK, Cristiane; MARINHO, Nirvana (org.). Joinville: Nova Letra, 2010.

IADMS. **About IADMS**. Retirado de <<http://www.iadms.org/?page=A8> 2017>, acesso em fevereiro de 2017.

NAVAS, Cássia. Centros de formação: o que há para além das academias? In: Algumas perguntas sobre dança e educação. TOMAZZONI, Airton; WOSNIAK, Cristiane; MARINHO, Nirvana (org.). Joinville: Nova Letra, 2010.

STRAZZACAPPA, M. Educação Somática e Dança Contribuindo na Formação de Médicos. **Movimenta**, v. 9, n. 4 (2016), pp. 627-632.

WYON, M.; BITTAR, A. Editorial Workshop Internacional da Rede BR-UK em Medicina & Ciência da Dança - "Os Potenciais e Desafios da Pesquisa em Medicina e Ciência da Dança: construindo colaborações inovadoras entre o Reino Unido e o Brasil.". **Movimenta**, v. 9, n. 4 (2016), pp. 518-519.

WYON M. Testing an aesthetic athlete: contemporary dance and classic ballet dancers. In: Winter E.; Jones A.; Davison R.; Bromley P.; Mercer T. (eds): **Sport and**

Exercise Physiology Testing Guidelines. London, New York: Routledge, 2007, pp. 249-262.

1. Andreja P. Picon - PhD, pesquisadora LaBiMPH - FMUSP; docente no programa de pós graduação em Ciências da Reabilitação da FMUSP; BR-UK Dance Medicine and Science Network - andbio@usp.br

2. Adriano Jabur Bittar, Ph.D, Professor Assistente, Escola de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Estadual de Goiás; BR-UK Dance Medicine and Science Network – adriano@studioabittar.com